S. PAULO (BRASIL) — Sábado, 12 de abril 1913 — ANO XII — N. 186

Publica-se aos sabados

Sob os auspicios da Liga Anticlerical do Rio

ASSINATURAS:

ANO . . . . 10$000
SEMESTRE. . . . . . . 6$000

PAGAMENTO ADIANTADO

Nas assinaturas para o exterior há a diferença do porte do Correio.

A Lanterna

ANTICLERICAL E DE COMBATE

DIRECTOR: **EDGARD LEUENROTH**

Redacção e administração
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)

CAIXA POSTAL, 195

Endereço telegráfico: LANTERNA

Toda correspondência ao director

A encruzilhada

A religião tem, em todos os tempos, impedido o progresso humano: ela é, ainda e sempre, nefasta e criminosa.

JEAN ROBYN.

Na agitação actual que se desenvolve e alastra por todo o paiz e que tem por causa a carestia da vida, é curioso ver-se como cada grupo diferente trabalha para tanger a tropa faminta para a estrada que cada um deles entende ser a melhor, no final da qual dizem estar o prado verdejante e a aguada cristalina que a salvará.

Estes grupos são em numero de tres: dois são formados por gente escolhida, de *boa catadura*, muitos saídos das grandes escolas do Estado, bons crentes, ótimos cidadãos, indo aos domingos á missa com as madamas e a prole á frente, tendo um ou dois filhos varões na linha de tiro: em uma palavra — uns bons e respeitabilissimos patriotas. O ultimo é só composto da ralé, de operarios broncos, que se trancafia no xadrez quando se quer, nada mais.

Ora, nestas condições é claro que os dois grupos primeiro mencionados não terão nenhuma dificuldade em se saírem bem da empreza. E' só amarrarem o chocalho fanhoso ao pescoço do burro mais manso e gordo e toca-lo para a frente: lá vai toda a burrama atrás!

Não se dá o mesmo com o terceiro. Composto todo ele de simples mortais, de descrentes, de libertarios kropótkinianos, é claro que ninguem lhes dará credito, os acompanhará.

A que é devido porém este apego da massa ao que é falso, esta oposição sistematica em compreender as coisas mais simples e mais claras?

Evidentemente ao espirito religioso nela mantido com todo o cuidado por estas duas grandes forças opressoras: — o clero e o governo.

Que fazer então para neutralizar estas forças e destrui-las?

Combater toda ideia da existencia de um Deus ao qual estamos sujeitos; livrar, como diz Robyn, «os cerebros sãos da élite da classe operaria desta ditadura deista que faz com que o povo suporte tão docilmente, tão religiosamente tambem a ditadura governamental... outra entidade daninha.»

Pela nossa parte estamos tambem profundamente convencidos que é preciso, sem um momento de descanso, continuarmos a nossa campanha, a nossa propaganda antideista, esclarecida e racional, intensificando-a, contra as forças reaccionarias que nos ameaçam esmagar.

Não somos daqueles que, presos a estupidas convenções sociais, combatem platonicamente o mal que se chama loucura religiosa. Não. O unico meio de se obter resultados positivos, eficazes, é estancar a fonte de onde ele deriva, fechando a bolsa e virando-lhe as costas.

Só assim sairemos de uma vez para sempre da encruzilhada em que estamos metidos.

Adrecal.

Rio, 6 — IV — 1913.

Metodo de ensino clerical



Como o padre préga a sua doutrina

A IGREJA E O SINDICALISMO

O mundo catolico, sempre ao lado do mais forte, via com receio destacar-se dele a classe operária, que, sob a influencia das ideias novas, abandonava as crenças antigas e substituia à confiança na Providência a noção duma defesa profissional, inspirada nos sentimentos da luta contra o capitalismo.

Por várias vezes, em França, fez o mundo catolico certas tentativas para reaver os trabalhadores; mas em nenhuma delas foi feliz.

Parece que certas personalidades do catolicismo se agitam de novo com o mesmo fim: reconquistar a classe operária, dando à acção desta regras tiradas dos preceitos da Igreja e da fé religiosa.

...Dizemos que essas tentativas não podem ser perigosas, embora mostrem que nos catolicos persiste, apesar das derrotas, um estado de espirito que os leva a esperar ainda o renascer dum dominio moral e dum prestigio desaparecidos de vez.

Faça o que fizer, não pode a Igreja tornar esquecido o passado, nem as diversas fisionomias que ela venha a tomar enganarão quem quer que seja. Na base da Igreja, ha alicerces pouco conformes à concepção moderna das sociedades novas; ela pode à vontade modificar as aparencias da sua acção: ha-de ser sempre a mais alta expressão da sujeição e escravização das massas.

Sem querermos negar o papel civilizador que ela teve num remotissimo passado, demasiadamente se mostrou ela depois como um poder hostil ao progresso para que possa fazer olvidar os seus erros e os seus crimes.

E depois, à esperança dum além sucedeu a noção duma vida perfectivel no mundo terrestre. Ao abandono de toda e qualquer direcção a forças desconhecidas e incognosciveis, o proletariado moderno substituiu a confiança na sua fôrça criadora, proporcionada à potência da sua organização.

A estas é que ele consagra todos os seus cuidados; é a desenvolve-las que ele se dedica, convencido de achar nelas os meios de se libertar das coacções morais e materiais.

O interesse moral e o alcance social do sindicalismo residem no facto de ele impor a cada ser a necessidade do esfôrço, mesmo para o mais pequeno resultado.

A Igreja, essa jamais poderia atribuir à força colectiva e à reivindicação comum um valor reformador, sem contradizer o proprio espirito que a guia e inspira.

Prègam demais a resignação para hoje poder apelar para as responsabilidades pessoais.

Toda a sua tradição aliás lhe veda uma mudança em sua constituição, assim como no seu ensino. Os seus actos, a sua atitude através dos seculos, sob aparencias levemente diferentes, constrangem-na a manter-se sempre a mesma.

Quer manobre sob a inspiração liberal dum Leão XIII, quer seja guiada pelo misticismo dum Pio X, baldados serão os seus esforços: o sindicalismo prosseguirá no seu caminho, indiferente a todas as crenças e a qualquer fé religiosa.

O sindicalismo é indiferente às religiões, porque não apela para sentimentos místicos, mas para a vontade de cada proletário, porque não lhe cabe conhecer o salariado através das seitas, mas através da sua qualidade de produtor.

E' esta função que o sindicalismo exalta, e é na funcção de produtor que ele pretende introduzir formas novas de trabalho.

Até hoje, o movimento sindical, com a preocupação de respeitar a liberdade de pensamento dos salariados, tem-se mantido alheio aos problemas religiosos. Nascido da grande lei que impele homens e sociedades pela via do progresso, tem demasiada confiança no valor educativo da sua acção para impôr aos trabalhadores um *Credo* qualquer.

Os sindicalistas sabem por experiencia que a acção tem como consequência, apesar das resistencias dos homens e das seitas, o triunfo das verdades sociais sobre a mentira.

Os neo-sindicalistas catolicos poderão amanhã, como ontem, arvorar a famosa encíclica sobre o repouso hebdomadario, que não enganarão pessoa alguma. Continuará provado que Leão XIII, ao declarar-se em favor do dascanso dominical, só teve em vista servir os interesses exclusivos do catolicismo: «*... porque não se trata de direitos de que ele (o operario) possa livremente dispor; mas de deveres para com Deus que ele deve religiosamente cumprir.*»

Por isso, embora consideremos ainda a religião como questão de ordem privada, se a Igreja, como partido, quizesse entrar em luta com o movimento confederal, lembrando-nos a traição dos mineiros cristãos da bacia do Rhur (Alemanha), acharia o sindicalismo em pé de guerra contra as suas tentativas de conservação social.

Achamos que, mesmo por motivos confissionais, não deve ser quebrada a unidade da classe dos explorados.

Leão Jouhaux,

secretario da Confederação Geral do Trabalho.

(De *La Bataille Syndicaliste*)

Um tubarão

No excelente diario sindicalista de Paris, *La Bataille Syndicaliste*, encontramos um artigo que julgamos util traduzir, para mostrar a grande diferença que existe entre os falsos liberalismos e anticlericalismos de governo e os sentimentos de liberdade do povo e dos homens sinceros e sem ambições politicas que tratam de os formular.

Eis o artigo, devido à pena de Francisco Delaisi, publicista distinto, muito versado em questões economicas e financeiras:

«O tiro de revólver que tam subitamente interrompeu as evoluções do renegado Canalejas, o «Briand espanhol», provocou uma crise intensa entre os politicos de Madrid.

Ante a revolução que rumoreja, o partido conservador desmembrou-se, o triste Afonso que reina sobre todas as Espanhas, para salvar a coroa, teve que apelar para o auxilio de todos os politicos da esquerda, e constituiu-se um gabinete Romanones, aqui apresentado como o regenerador da Espanha ou pouco menos!

Que irrisão!

O conde de Romanones, grande de Espanha, irmão do duque de Tovar, pertence à alta aristocracia.

Arquimilionario, grande proprietario terreal, presidente de numerosas sociedades financeiras e industriais, é o chefe incontestado dos homens de negocios, dos especuladores e dos banqueiros. Foi ele quem lançou o seu país na sinistra aventura marroquina.

Ministro do exterior em 1904 no gabinete Moret, negociou o famoso tratado secreto pelo qual Delcassé entregava o Rif à Espanha.

Já os nossos tubarões franceses Etienne o Argelino, o principe de Wagram, etc., exploravam perto de Melila a rica mina de ferro de Gurugu. O conde de Romanones obteve muito proximo dali a mina de chumbo dos Beni-Ifrur.

Mas os indigenas quizeram impedir a exploração. O gabinete Maura, sob a dupla pressão de Romanones e de Etienne, mandou a Melila o general Marina com 25000, depois 40 mil homens. Sabe-se o resto: o sangrento desastre dos espanhois, a chamada dos reservistas na Catalunha, a insurreição de Barcelona, o tiroteio durante tres dias na Rambla, a provincia inteira sublevada, depois a repressão sanguinaria e o assassinato de Ferrer nos fossos de Montjuich. Todo esse sangue vertido para proteger as minas do ilustre conde de Romanones e do sr. Etienne, seu cumplice.

Hoje, Maura está por terra, sob o desprezo universal provocado pela morte de Ferrer; Canalejas foi morto; Romanones, que se mantinha até aqui nos bastidores, teve que tomar conta do poder em pessoa.

Mas decerto para preservar a sua preciosa pele das balas e bombas, quer arranjar a reputação dum politico avançado. Elaborou um programa de mirificas reformas politicas e sociais, que é quasi tam comprido como o de Briand e que não será mais cumprido do este. Procurou e obteve até o apoio dos politicos republicanos. Não lhe foi isso muito dificil: não foi ele quem, dispondo nos seus imensos dominios da Catalunha de tres cadeiras de senador, deu uma ao chefe republicano Sol y Ortega, «sem sequer consultar os eleitores»?

Reunindo em volta de si a alta nobreza à qual pertence, os financeiros de que é chefe e os politicos avançados que lhe devem os seus lugares, vai tratar de consolidar o trono abalado de Afonso XIII, de refrear as organziações operarias com leis sobre o contrato colectivo e de lançar o seu país a fundo na conquista do Rif marroquino, ainda por fazer.

Tal é o homem que dá entrevistas sensacionais à imprensa avançada de França, afim de passar por um reformador aos olhos do proletariado espanhol.

Após Canalejas, ex-republicano feito ministro rialista, eis o conde de Romanones, aristocrata multimilionario, que finge de democrata avançado. Mas a classe operaria espanhola saberá arrancar-lhe a mascara. E a comedia poderá muito bem acabar, para um e para a outra, em tragedia.

O Novo Testamento

Um velho judeu, tendo passado desta para melhor, comparece tremulo ante o Padre Eterno.

— Que te sucede, meu velho Jacob? Tens medo de me aparecer? pergunta o Juiz soberano.

— Ai de mim, Senhor!

— Que acontece?

— Meu filho...

— Vamos, desembucha.

— Meu filho, Senhor, fez-se cristão.

— E por isso te desesperas? O meu não fez o mesmo?

— Com os diabos! é verdade! Já nem me lembrava! Mas então, Senhor, que fizestes vós?

— Que fiz eu? Uma coisa muito simples: fiz um *Novo Testamento*.

(*L'Asino*).

Anti-clericais!

Livre-pensadores!

ORGANIZAI OS VOSSOS GRUPOS

E' necessario fundar a Federação Brazileira do Livre-Pensamento.

Liga Anticlerical do Rio.

ADOLFO VASQUEZ GOMEZ

Domingo ultimo chegou a S. Paulo este valoroso propagandista dos modernos principios sociais.

Já dele nos temos ocupado, e antecipámos o fim que o trouxe entre nós: vem aqui realizar algumas conferencias, nas quais dissertará sobre os seus ideiais. A primeira da série deverá ser efectuada á hora em que é impresso o presente n. do nosso jornal, motivo por que só no proximo n. dela nos ocuparemos. A segunda terá lugar segunda-feira á noite, no mesmo local em que se realiza a primeira, no Salão Celso Garcia, 39. Terá por tema "A influencia da Mulher no futuro da Humanidade".

Vasquez Gomez é já um orador consagrado e de longa data um propagandista entusiasta. Na Espanha, donde é natural, em Portugal, no Uruguai, onde reside, tem firmada a sua reputação de jornalista e de orador. Vem agora do Rio Grande do Sul, onde percorreu as principais cidades, numa brilhante e frutifera tournée de propaganda, tendo sido por toda a parte acompanhado de entusiasmos e de aplausos.

E' de esperar-se que em S. Paulo o seu acolhimento não seja menos condigno. Para isso esperamos o auxilio de todos os companheiros de boa-vontade.

A Vasquez Gomez estava aqui reservada uma amistosa recepção, o que se não poude levar a efeito por haver ele antecipado a sua chegada.

Depois de aqui na capital fazer algumas conferencias, irá o ilustre propagandista a diversas cidades do Estado, como Santos, Campinas, Ribeirão Preto, S. Carlos, Jaboticabal. Os nossos correligionarios de outras cidades que queiram ouvir o aclamado conferencista poderão entender-se com o sr. Ricardo Navajas Martinez, á rua do Hipodromo n. 17, nesta capital.

***

Para a conferencia de segunda-feira, 14, os bilhetes de ingresso se acham nos seguintes pontos: Redacção da *Lanterna*, Grande Oriente, Livraria Espanhola, na Av. Rangel Pestana; Chalet de Loterias, no Café America; Tipografia Cueto e Diaz, na rua Paula Souza, 15; Secretaria da Sociedade Celso Garcia, Redacção do *Diario Español*, *Tribuna Española*, e *España Moderna*.

O padre Thierry de Albuquerque

ACABA DE REPETIR-SE UM ABUSO QUE JÁ SE VAI TORNANDO COMUM ENTRE NÓS — O CONEGO SANSONI, O PADRE MANOEL CIRIACO, O PADRE THIERRY — QUANDO TERÁ FIM TANTA IMORALIDADE?

Os leitores devem lembrar-se do padre Thierry de Albuquerque, que ha aqui dois anos abandonou a sua enlameada batina, já arrastada pelas ruas da amargura, sendo obrigado a casar-se com uma pobre moça que levára à perdição. O acto a muitos pareceu digno de louvores. Ao menos êsse, disseram, soube reparar o seu mal.

Ingenuos os que pensaram assim! A nosso vêr, o homem que uma vez sentiu sobre a cerviz a caricia aniquiladora da sotaina, jamais deixará de ser padre, jamais elevará os seus sentimentos à altura dos sentimentos dos homens rectos. O estigma da podridão moral vinca-lhe sempre o rosto; empesta-lhe sempre a alma a indelevel moral do jesuita.

Nós desconfiamos sempre do ex-padre, que, quasi sem exceção, continua invariavelmente a ser *padre*, embora disfarçado com as vestes do profano. São poucos os que conseguem elevar-se depois ao nivel que afere os verdadeiros Homens. A educação infiltrada pelo seminario é a mais terrivel das peçonhas.

Vem isso a proposito do padre Thierry de Albuquerque, que ha aqui dois anos, em Mogi das Cruzes, se não nos enganamos, foi forçado a casar-se com uma pobre moça que violentamente fôra obrigada a servir de pasto aos seus bestiaes instintos de macho.

Pois bem, casou-se o padre com a sua vítima. Consequentemente foi excomungado pelo seu bispo e mordido pelas matilhas catolicas de todos os matizes. E alguns livre-pensadores acharam louvavel o seu procedimento.

Agora porêm acabam de revelar-se da maneira a mais perfida e indigna a perversão moral e os baixos sentimentos do padre Thierry de Albuquerque: a sua esposa foi abandonada e ele ingressou de novo nas fileiras do pestilento clero catolico, sendo recebido com demonstrações de regozijo, como um heroi, como um santo. A *Gazeta do Povo*, jornal clerical que se publica nesta capital, eleva a sua «conversão» a altura de uma vitoria da Igreja e tece-lhe os melhores elogios...

Falta de criterio moral, ou melhor, manhoso e infame senso moral! E' indigno, e portanto excomungado, um padre quando, sob o imperio das forças da natureza, se liga honestamente a uma mulher. E' um heroi, um santo o padre que, conspurcando a honra de uma indefesa mulher em quem abafou durante longo tempo os ardores libidinosos da carne; contrariando as leis da humanidade, mostrando-se possuidor dum coração ingrato e perverso, despreza a mulher que consigo compartilhava as agruras da vida para ir viver folgadamente à custa dos tolos, prè-

CAUTÉRIOS

XCIII

Receio angustioso

Ah! meu divino amor, se adivinhasses
Como o meu peito sofre e lacrimeja
Quando te vê em direcção da igreja,
Talvez a igreja e os padres evitasses!

Talvez mesmo essa fé que em ti lateja
E a ingênua devoção abandonasses,
Se em mim pensando bem considerasses
Toda a angústia que em mim doida esbraveja!

Não é por causa do teu misticismo
Que sofro: é que te vendo assim tam crente
Sinto-te às bordas dum trevoso abismo...

Tremo e choro... Receio que a candura
Da tua alma se manche incautamente,
Ao contacto com a treva e com a impostura!

Beato da Silva.

gando uma doutrina em perfeito desacôrdo com os seus actos...

Manhoso e infame senso-moral o desta Igreja catolica! Estupido e inconscientemente perverso e indigno o senso-moral dos crentes desta Igreja, que aceitam sem repulsa para seu pastor um padre da conducta miseravel dum Thierry!

E não é novo no Brazil caso imoral e degradante como o que citamos. Repetem-se mesmo com tal frequencia que, não leva muito, será regra geral casarem se os padres na época do cio, quando em suas robustas naturezas a força do sangue exigir a caricia divinal da Mulher, para se descasarem e voltarem ao seio hospitaleiro da Igreja, com a aureola de herois e de santos, quando a carne contentada pedir repouso e o cerebro alquebrado solicitar a paz da preguiçosa vidinha de ministro de Deus.

Assim fez o conego dr. Teofilo Sansoni, que é hoje o santo vigario de Sete Lagoas, em Minas. Casou-se numa cidade do Estado do Rio, parece-nos que Rezende, e lá abandonou a mulher e uma filhinha inocente, indo para bem longe ensinar a bela moral catolica às mulheres e às filhas dos outros. O seu belo gesto valeu-lhe do arcebispo de Mariana o titulo de conego. Aquele padre que invejar essa dignidade canonica e não a puder conseguir, não tem mais a fazer do que casar-se. Depois, arrepender-se-á e o santo arcebispo de Mariana, ele ou um outro qualquer, lhe fará presente da ambicionada conezia...

Assim fez o miseravel padre Manoel Ciriaco de Oliveira, pastor de Lage na Bahia, onde deflorou nada menos de onze donzelas. Casou-se com a mais moça dentre elas, que tinha treze anos de idade, deixando as demais desamparadas! Mas pouco valeu à que amparou: no fim de curto tempo, deixou-a, indo para o Estado do Rio pastorear outro fiel rebanho da Igreja e certamente fundar novos apostolados dos corações de Jesus e de Maria que lhe forneçam sempre iguarias frescas para o seu desbragado apetite sensual. Cesteiro que faz um cesto faz um cento. Achamos que o conego Sansoni, em vez de ter ido para o arcebispado de Minas, deveria ter ido para o arcebispado da Bahia. Seria uma permuta equitativa com o seu ilustre colega Manoel Ciriaco...

Assim acaba de fazer o infamemente despudorado padre Thierry de Albuquerque — e assim hão-de fazer ainda dezenas e centenas e milhares de padres, até que desabe sobre esta deshumana e imoral Igreja catolica a tempestade da justiça dos Homens — pois que ela jamais tomará pelo caminho recto do Bem. Se em dezenove seculos de absoluto e cruel dominio não regenerou o sentimento humano, antes concorreu para pervertê-lo mais, a sua existencia sobre a face da terra é inutil e prejudicial, é mesmo um insulto às ideias de Justiça e de Humanitarismo.

João Eduardo

Aos nossos assinantes

Ultimamente, devido a varios contratempos, a cobrança no interior não poude ser feita com regularidade, a que nos deixou com serios compromissos economicos, que agora deverão ser satisfeitos com o resultado desse trabalho, felizmente já normalizado.

Lembrem-se todos de que sem azeite a Lanterna *não poderá alumiar o que por aí vai...*

Na Paulista

Avisamos aos nossos amigos da Linha Paulista que vão ser visitados pelo nosso companheiro viajante Abranches da Rocha, que se acha em viagem.

Em Jundiahi e Campinas

Os assinantes destas cidades que ainda não se encontram em dia com os seus pagamentos tambem serão visitados.

Na Capital e na Lapa

estamos procedendo á cobrança das assinaturas.

Pedimos aos nossos assinantes que não possam ser facilmente encontrados, deixarem em casa a importancia dos seus debitos, para nos poupar trabalho.



O antimilitarismo em França — Porque caiu o ministério Briand? — O projecto dos 3 anos de serviço militar, grave falta do govêrno — O que diz a imprensa nacionalista e o que diz a opinião — Protestos de soldados e de conscritos — As manifestações populares — Os camelots du roi corridos a cacete — 200.000 pessoas no Pré-Saint-Gervais — Mentiras da imprensa — O atentado de Salónica foi um protesto contra a guerra? — Skinas doido ou socialista?

LISBOA, 22 DE MARÇO

O movimento antimilitarista tomou nos últimos dias um vigoroso impulso, especialmente em França, onde êle é sobretudo dirigido contra o impopular projecto de restabelecimento dos 3 anos de serviço militar.

Não falta mesmo quem veja nesta agitação o motivo principal da queda de Briand, embora a causa aparente da demissão tenha sido a votação do Senado na questão da reforma eleitoral, rejeitando a chamada «representação proporcional». Com efeito, Briand, auxiliado pelo *bluff* patriótico da grande imprensa de negócios, devia fazer aprovar rápidamente os projectos militares, antes que despertasse a opinião verdadeiramente popular. Mas esta acordou cedo, o *bluff* da imprensa foi impotente, Briand viu os horizontes muito escuros, e por isso o ex-antimilitarista e grevegeralista aproveitou o primeiro pretexto para se pôr a salvo...

Na verdade, o serviço milifar de três anos, que todos consideravam um pesadêlo do passado (salvo, é claro, os interessados nos armamentos e no exército), é enérgicamente repelido pelo povo, e até pelos republicanos da esquerda, aliás tam desmoralizados pelos complacências com os políticas triunfantes do seu partido. O govêrno não poderia ter fornecido ao sindicalismo e aos partidos revolucionários melhor e mais larga base de acção. A imprevidência do govêrno foi até interessar no protesto, não só os civis, os moços que ainda hão-de passar pelo quartel, os seus pais, irmãos e parentes, mas ainda os próprios soldados actualmente em serviço, pois a lei em projecto teria efeito retroactivo!

A imprensa, a serviço da finança e dos metalurgistas, do alto exército e dos fornecedores, pintou a França a arder toda em patriotismo, os francezes ávidos de «servir a pátria» por três, quatro, vinte anos — por toda a vida! No dizer dela, toda a França deseja tornar-se um vasto quartel, para maior glória e proveito dos fabricantes de canhões e de couraças. Ora de todos os pontos do país surgem numerosos e ardentes protestos, individuais e colectivos — que a tal imprensa se esforça por calar.

Numerosas cartas de soldados, enviadas à *Bataille Syndicaliste*, provam que nos vários regimentos lavra um descontentamento surdo, que apesar de tudo explode de vez em quando.

Quanto aos conscritos, ao lado dos que, por julgarem certa a aprovação da lei e quererem usufruir as pequenas vantagens do voluntariato (entre elas: não ir para as guarnições da fronteira...), se alistam já por três anos, com grande *réclame* dos jornais militaristas, há os rapazes que vão à inspecção médica militar com ruidosas manifestações contra «os 3 anos» — sem que, porém, os mesmos jornais transmitam todo êsse ruido aos ecos do mundo.

As manifestações dos paisanos — comícios, reuniões, cortejos — essas então são já sem conta. E entre todas sobressaem dois comícios em Paris, nos dias 14 e 16 do corrente.

O primeiro foi organizado, num vasto salão do «Bairro Latino», por alguns intelectuais — publicistas, professores, etc. — dreyfusistas fieis, como Gabriel Séailles, Loison, Challaye, Pressensé. Este comício teve um incidente saboroso que nos reconduz aos tempos da questão Dreyfus: os nacionalistas e rialistas que lá foram para perturbar a reunião, fazendo tumulto ao aparecer o primeiro orador, foram rápidamente expulsos à bengalada pelas «juventudes» revolucionárias.

O segundo foi a imponente e para sempre memorável manifestação do Pré-Saint-Gervais, reunida a convite da Confederação Geral do Trabalho, secundada por todos os partidos revolucionários. O vasto prado, com capacidade para mais de 200 mil pessoas, estava inteiramente ocupado por uma multidão compacta, comprimida em volta de onze tribunas de oradores.

E no dia seguinte era ao mesmo tempo cómico e lastimável ver a imprensa militarista reduzir infantilmente, ridiculamente, o número dos manifestantes, em quanto procurava descaradamente, embora sem convicção, engrandecer o espectáculo de Vincennes, motivado por uma revista militar aparatosa, muito anunciada, cheia de músicas e scintilações, com meios de transporte extraordinários e a preço reduzido...

Paralelamente a estas manifestações francesas, prossegue na Alemanha o movimento popular contra os projectos militares e os armamentos.

... E não será também um protesto contra a guerra, contra as hecatombes balcánicas, o tiro disparado em Salónica, no dia 18 — aniversário da Comuna de Paris — contra o rei da Grécia? Alguns telegramas dizem que Alexandre Skinas é membro duma associação socialista; outros, que é um desequilibrado. Esta última versão é, aliás, habitual nos casos desta natureza. Porque, se causar uma guerra e centenas de milhares de mortos é um acto equilibrado, já o não pode ser matar um rei, ainda que sôbre êste rei pese a responsabilidade daquela carnificina, ou pelo menos, parte dessa responsabilidade... e a melhor parte da glória e dos proventos.

Talvez nunca venhamos a conhecer exactamente a personalidade, as intenções e o juizo de Skinas. Aonde iríamos parar, se os reis e os governantes já não pudessem promover guerras à vontade e se começasse a vigorar a moda de os chamar a contas qualquer indivíduo insulado?

E', pois, necessário que Skinas seja um demente perfeito.

Neno Vasco

O povo contra o regimen da fome

A agitação popular vai ganhando grande proporções — Os comicios realizados nos arrabaldes foram bastante concorridos — O comicio do dia 20 promete ser grandioso.

A agitação iniciada pela Liga Popular Contra a Carestia da Vida contra a acção aladroada dos açambarcadores vai ganhando corpo e promete assumir grandes proporções.

E sem nos determos em mais premissas, passamos a relatar o que se fez durante a semana e o que se vai realizar.

Na Lapa

Foi bastante concorrido o comicio realizado no sabado passado no bairro da Lapa.

Abriu-o o companheiro João Penteado que dissertou largamente sobre a questão da carestia da vida, evidenciando as suas causas e descrevendo as consequencias funestas que ela está trazendo ao povo, sacrificado pela ganancia dos açambarcadores.

O nosso companheiro Edgard Leuenroth demonstrou a relação intima existente entre o problema que ora arrasta o povo á praça publica e a questã social. Falou do contraste que existe na vida parasitaria dos grandes argentarios, cercados de todo o conforto, de todo o bem-estar e a do povo produtor, que vive privado até daquilo que as suas necessidades mais imediatas exigem. Aconselhou os operarios a se organizarem para a defesa dos seus direitos agora ainda mais menospresados.

Falaram ainda os companheiros Zenon Budachespky e Antonio Nalepinsk acentuando com clareza a orientadão que o povo deve manter no actual momento, não aceitando as promessas falazes, nem se deixando embair pelos conselhos interessados dos politiqueios.

Todos os oradores foram constantemente e com calor aplaudidos pelo povo, que foi por fim convidado a comparecer ao grande comicio do dia 20.

Na Ponte Pequena

O comicio anunciado para a Ponte Grande foi realizado na Ponte Pequena, por ser este lugar mais acessivel ao povo de todo o bairro.

A concorrencia foi bem regular e quasi que exclusivamente composta de trabalhadores.

Facil foi aos oradores demonstrar o estado de penuria e até de miseria em que se encontra o povo, pois ali mesmo, ao pé, estavam os cortiços insalubres, onde se amontoam jamilias numerosas; ali bem perto se verificava a imundicie das ruas esburacadas e lamacentas onde só moram os trabalhadores, a respirar os miasmas das poças de agua estagnada.

Falaram ali, com o aplauso constante do publico, os companheiros Antonio Nalepinsk, J. Penteado, Zenon e Edgard Leuenroth, todos eles concitando o povo a tratar directamente dos seus interesses e os trabalhadores a se organizarem em suas associações de resistencia.

Foi organizado o sub-comité local que se encarregará de fazer naquele bairro a propaganda do comicio do dia 20.

No Ipiranga

Foi um dos melhores comicios dos até agora realizados pela Liga Popular Contra a Carestia da Vida.

Lá, bem distante do triangulo central, naqueles baixios charcosos do Ipiranga, onde os grandes endinheirados foram erguer os seus ergastulos industriais, uma consideravel multidão de homens, mulheres e crianças, destacando se da escuridão completa que lá domina pela luz de uma lampada eletrica pendente do paredão de uma grande fabrica, esperava anciosa pelos convocadores da reunião, que foi iniciada ás 7 e pouco pelo companheiro Nalepinsk.

Este companheiro descreveu as miserias que já afligem os trabalhadores emquanto os apatacados vivem a esbanjar em orgias o produto do seu trabalho. Terminou concitando os operarios á organização.

A seguir falou longamente o companheiro Penteado, que expoz o problema social em seus varios aspectos, convidando o povo trabalhador a abandonar a apatia a que se acha entregue para dedicar-se ao trabalho fecundo da luta sindical.

O companheiro Edgard Leuenroth, servindo-se das informações colhidas entre a multidão, evidenciou a situação tristissimo dos que vivem do seu trabalho de doze e mais horas por dia, sujeitos á vilissima exploração dos que para aí andam na vadiagem mais completa.

Aquelas mulheres de aspecto contristador, aquelas pobres crianças de sete e oito anos que ali estavam, ainda cobertas do pó do algodão e entontecidas pelo trabalho de doze horas no meio do barulho infernal dos teares, aqueles pobres meninos, que ganham 500 ou 600 rs., eram bem o atestado vivo da ganancia dos ladrões do povo.

Só a agitação publica, energica e constante, e a organização operaria poderá colocar o povo em condições de reagir devidamente contra esse opressivo estado de coisas. Os calorosos aplausos do povo e os seus brados de protesto demonstraram a sua disposição de acompanhar a agitação que se está iniciando.

Falou novamente o companheiro Nalepinsk para encerrar a bela reunião e convidar o povo do Ipiranga a comparecer ao comicio do dia 20 do corrente.

Ficou constituido o sub-comité local.

No Belemzinho

Apezar de não ter sido devidamente preparado, devido á reunião dos sub-comités realizada na mesma noite, teve boa concorrencia o comicio realizado no largo S. José, na quinta-feira.

Falaram os companheiros Zenon e Nalepinsk, combatendo a exploração desenfreada dos açambarcadores e estimulando o povo á agitação contra tais vampiros sociais.

Reunião dos sub-comités

Conforme estava anunciado, realizou-se na quinta-teira a reunião dos sub-comités dos arrabaldes e de varias agrupações populares.

Foram determinados todos os trabalhos a fazer para o bom exito da agitação. Ficou marcada uma nova reunião de todos os sub-comités e dos representantes dos sindicatos operarios e sociedades populares para quinta-feira, ás 7 horas da noite, na rua Riachuelo, 43, na qual serão tomadas as ultimas medidas sobre

O grande comicio do dia 20

que será realizado no largo de S. Francisco, ás 4 horas da tarde.

Nesse mesmo dia realizar-se-ão outros comicios nos seguinte bairros

NA MOÓCA, ás 3 horas da tarde, no crusamento das ruas da Moóca e João Antonio de Oliveira, partindo depois o povo para o largo da Concordia;

NO BRAZ, ás 3 e 1|2 da tarde, no largo da Concordia, de onde virá o povo, encorporado com a coluna da Moóca, para o largo de S. Francisco;

BOM RETIRO, ás 3 e 1|2 da tarde, no crusamento das ruas da Graça e Tres Rios, de onde virá o povo em coluna para o largo de S. Francisco;

NO CAMBUCÍ, ás 3 horas da tarde, no largo do Cambucí, de onde virá o povo em coluna para o largo de S. Francisco;

NO BEXIGA, ás 3 horas da tarde, no crusamento das ruas S. Antonio e 13 de Maio, de onde, como dos outros arrabaldes, o povo virá para o largo de S. Francisco.

De todos os bairros o povo trará cartazes alusivos á agitação, devendo as sociedades comparecer com as suas bandeiras.

A' reunião de quinta-feira deverão comparecer todos os membros dos sub-comités e os representantes das sociedades populares, para que este comicio possa ter uma grande imponencia.

E' a seguinte a moção apresentada pela C. O. B. no grande comicio realizado no Rio e que será lida no comicio do dia 20:

Considerando que as tarifas alfandegarias constituem um regimen de protecionismo que dificulta notavelmente o desenvolvimento economico do paiz, evitando a livre concorrencia comercial e industrial e dando lugar a que os «trusts» estabeleçam preços exorbitantes para os generos de primeira necessidade;

considerando que essas tarifas multiplicam o custo dos referidos generos;

considerando que o que mais se deve respeitar são a vitalidade e o bem-estar da população;

considerando que os impostos interestaduais elevam consideravelmente o preço dos produtos do paiz, e servem de entrave ao progresso da industria e da agricultura;

considerando que tais impostos impossibilitam o povo de adquirir os generos necessarios á sua subsistencia;

considerando que os impostos municipais enormemente elevados como estão gravam tão pesadamente os predios, os estabelecimentos comerciais e os vendedores ambulantes, que parece pretender-se arrancar por esse meio á população os cincoenta por cento das transações:

considerando que afinal o consumidor, o povo, que não vive do alto funcionalismo nem do negocio, mas á custa do seu trabalho, é quem arca com todos os impostos, é quem tudo paga, porque o proprietario, o industrial e o comerciante cobram com o aumento dos preços das habitações e dos generos de consumo a importancia exigida pelo Estado, acrecentando ainda, com frequencia, uma porcentagem que redunda em seu beneficio;

considerando que os atuais alugueis das casas ou habitações representam um desatino, uma extorsão criminosa em face dos recursos com que contam os inquilinos, em relação á renda da propriedade predial;

considerando que os salarios vigentes não chegam nem as menos para atender á metade das necessidades economicas dos assalariados, não sendo, nem de longe, suficiente o trabalho de toda uma familia, desde os pais até os meninos e meninas de 7 ou 8 anos para o seu sustento;

considerando que, á medida que desce o valor monetario do trabalhador, eleva-se matematicamente o valor do capital, e por isso, quanto menor é o salario do operario tanto maior é o enriquecimento do capital;

considerando que a atual jornada de trabalho, tendo em conta as distancias e exigencias entre os bairros em que habita a imensa maioria do proletariado e os centros de labor, a fórma brutal e extrema em que o trabalho se executa, o calor sufocante, até para os parasitas que vivem de rendas e subvenções, e a pessima alimentação com que o trabalhador diariamente se envenena e morre prematuramente, e pelo excessivo dispendio de energias que, devido aos longos horarios não tem tempo de recuperar, deveria ser reduzida á metade, pois não é crivel que os presentes horarios de 9, 10 ou 13 horas de serviço estejam de acordo com as forças de que hoje póde dispôr o homem do trabalho, o povo resolve:

Reclamar para todo o paiz a abolição das tarifas alfandegarias, dos impostos internacionais, e para esta localidade a redução de 40 por cento sobre os impostos municipais que afectam os generos de primeira necessidade; 30 por cento de redução sobre os atuais alugueis das casas ou habitações; a jornada de 8 horas para as classes que ainda não a conquistaram, e o aumento de salario para todos os assalariados, tomando como base minima 7$000 diarios.

Tendo em vista que os poderes constituidos como dirigentes ou pretendidos dirigentes do povo e da sociedade atual, instituem para todos os cidadãos a obrigação de conhecerem as leis do regimen imperante e o espirito dessas mesmas leis, com mais motivo os dirigentes teem o dever de conhecer as necessidades dos cidadãos; e tendo tambem em vista o profundo desprezo com que os poderes têm recebido as mensagens populares, o povo resolve levar ao conhecimento de todos estas reclamações, fazendo delas a maior publicidade possivel, pela imprensa, comicios, conferencias, etc., declarando que desde este momento decide lutar sem descanso até conseguir as suas reivindicações. — *O comité.*

ASTROGILDO PEREIRA

LOYOLA, PADRE MESTRE

Lido na ultima "quinta-feira santa" na Liga Anti-clerical do Rio de Janeiro

Uma ideia lembra outra. Aspasia lembra-me S. Luiz Gonzaga. S. Luiz Gonzaga lembra-me Onan. S. Luiz Gonzaga, o casto, é o padroeiro venerado da *divisão* dos *medios*. Santo Onan, o castissimo, é o veneradissimo padroeiro das três *divisões* e mais o resto do colegio... E' verdade que não ha lá nenhuma imagem deste santo egoista. Mas ha, em compensação, centenas de "reproduções ao vivo", diariamente... e noturnamente, de preferencia... Pensais, talvez, que eu calunio?... Não, amigos, eu não calunio. Não... Eu vos afirmo que a imagem de Santo Onan se reflecte. evidente, comprobante, nas olheiras fundas... nas olheiras roxas dos rapazes do colegio...

E o Anchieta não constitui exceção, por isso. E' a regra de todo o internato. Regra, sim, sem exceção. Como na caserna...

***

Loyola, padre mestre... mestre do embuste... Mestre da mentira. Insuperavel mestre. Mestre absoluto.

E por isso que é o grande mestre da trapaça, padre Loyola sintetiza o espirito fundamental da Igreja. Padre Loyola não admite discussão. E'... porque é, e acabou-se. Loyola é o maior sustentaculo do dogma. Operação feita por Loyola não se submete á contingencia duma prova real. Duvidar é pecado. Verificar é sacrilegio. Sacrilegio irremediavel. Fatal...

Ora, eu vos conto uma passagem interessante. Não me lembro bem agora si foi por ocasião da semana santa, ou da primeira comunhão da turma do ano. Mas não importa a data. O que importa é o facto. E a primeira parte deste é formada por um formidavel sermão... O reverendo, da tribuna, em gestos largos... em gestos teatrais, pronunciou uma peça apocaliptica. Impressionante... Eu sentia o soalho tremer-me sob os pés. Aquilo parecia um terremoto... Casos horrorosos me chegavam aos ouvidos.

Baralhavam-se, num entrechocar-se de catastrofe. Eram historias arripiantes... sacrilegios infernais... castigos tremendos...

Os detalhes dessas historias não os guardei eu. Martelados em apostrofes flamantes, era impossivel guarda-los. E mestre Loyola fazia-o, assim, muito de proposito. Borrava as parcelas da operação e dava o resultado. Resultado que ninguem se atreveria a discutir... O resultado a que eu me refiro era este: "a hostia é intangivel". No acto da comunhão ela passa dos dedos purificados do sacerdote para a lingua tambem purificada do comungante. Da lingua, a hostia vai directamente para o estomago, guéla abaixo, sem tocar nos dentes... Sem tocar nos dentes, porque isto é sacrilegio... sacrilegio infernal... Padre mestre, no sermão, contara varios casos de sacrilegios dessa ordem. Pessoas que tinham mastigado a sagrada particula eram fulminantemente castigadas. E mais: que da hostia mastigada saía sangue. Sangue de Cristo. Sangue divino...

E eu, um dia, resolvi verificar essa historia. Resolvi tirar a prova real da operação. Resolvi mastigar uma hostia. Efectivamente, mastiguei-a. Trinquei-a... Como não morria, passei-a dos dentes para a mão, a ver si estava ensanguentada... (Bem vedes que seria curioso ver o sangue de Cristo, morto ha quasi dois mil anos, brotar duma rodelinha transparente de trigo...) E expremi-a nos dedos... E esperei... e esperei... esperei até ao fim da missa... Nada de sangue. Nada. Nem gota. Nada... Nada vezes nada, nada. Estava tirada a prova real... Interiormente, eu dei, nessa manhã, a mais gostosa gargalhada da minha vida!

***

— Jejum, amanhã! Jejum!...

Eu estranhei a exclamação. Não pelo seu sentido. Jejuar, num colegio de religiosos, não é um facto que cause estranheza a ninguem. O que eu estranhei foi o tom com que foi feita a exclamação... Um tom de alegria. De contentamento... Era imprevisto... Eu pedi explicações ao colega:

— Jejum, amanhã? E está tão contente, por isso?...

— Claro. Claro... Ah! tu és *novato*... não sabes... Pois fica sabendo que o jejum é uma cousa deliciosa!

Mas eu fiquei como antes da explicação. Sem perceber patavina... Qualificar o jejum de delicioso parecia-me troça de *veterano*. Por outro lado, parecia-me sincera a alegria da exclamação. Eu estava intrigado. E um tanto assustado... Entretanto, como não havia partido outro a tomar que o de esperar, esperei pelo dia seguinte...

E em verdade, em verdade vos digo que a espera foi cruciante... Passei mal a noite... muito mal... embora tivesse, por precaução, rezado uma ave-maria extra-programa... Só muito tarde consegui conciliar o sono. E foi um sono agitado. Agitadissimo... Sonhei que estava em jejum. Foi um sonho extravagante, que merece ser contado. A complicação começou num campo, onde pastava uma manada de carneiros. Eu era o pastor. Estava recostado ao tronco duma arvore, a cochilar... De repente, dos galhos da arvore saltam varios bichos monstruosos. Tinham pés de bóde, corpo de abutre e cara de homem. Ajoelharam-se em volta, grasnando uma reza soturna, intercalada com estas palavras: "Quem jejua purifica a alma... Quem jejua purifica a alma..." Por fim levantaram-se, avançaram sobre mim e carregaram-me... (Neste ponto houve uma confusão cujos pormenores não me lembram, agora...) Depois era uma jaula. Uma grande jaula de ferro, dentro da qual eu estava acorrentado, e com uma vela acesa em cada mão. Em volta da jaula os monstros dansavam, saltavam, gritando: "Ai! que jejum!... Ai! que jejum!... Ai! que jejum!..." Subitamente, pararam, todos. Fez-se um silencio profundo. Só se ouvia o crepitar das velas... E um dos monstros entrou na jaula. Mas este era diferente dos outros. Tinha as azas no lugar das ovelhas e braços no lugar das azas. As mãos terminavam em unhas compridas e recurvas... Veiu direito aonde eu estava. Vagarosamente. Com as garras cruzadas no peito. Estacou na minha frente, olhando-me com dois olhos que eram duas brazas. Apagou as velas. Depois me disse, com uma voz metalica: "Irmão o jejum purifica a alma... Purificai a vossa alma! Jejuai, irmão!..." E enfiou uma das garras pela minha guela... e arrancou-me os intestinos... Eu morri. Morri... Mas, apesar de morto, eu ouvia um repicar de sino...

E, de facto, o sino repicava. Era a sineta que nos acordava pela manhã... Eu acordei, sobressaltado, apalpando o estomago... Durante a missa rezei quantas orações sabia. Eu estava apavorado...

Não sou descendente de Pantagruel, e ainda não li o Brillat-Savarin... Confesso francamente, porêm, que a perspectiva de um dia de jejum me causava um indescritivel mal-estar...

. . . .

Mas, ó pacientes amigos que me ouvis! — o jejum, no Colegio Anchieta, é uma cousa realmente deliciosa!... E' um jejum paradoxal... O contentamento do meu colega *veterano* era razoabilissimo! Imaginai que nos dias de jejum se come muito mais que nos dias comuns... Eu vos explico por que...

Nos dias comuns, a boia pouco varia. Compõe-se de sopa, feijão, arroz, um ensopado e um bife, e bananas á sobremesa. Só o ensopado varia, sendo as bananas substituidas por doce aos domingos e dias santos e feriados. Pois nos dias de jejum, em vez de ensopado e de bife, ha peixe, ha ovos, e bananas e doces a um tempo. A consequencia dessa variação é facil de prever. Com o paladar já gasto de ensopado todos os dias e todos os dias bife, a rapaziada devora quanto peixe e quanto ovo levam para a mesa. Os pratos ficam limpos. Mais houvera...

E a gente chega a esta conclusão inconcebivel: — No Colegio Anchieta só se apanham indigestões nos dias de jejum...

***

Porque Loyola, por trás da batina remendada e suja, carrega riquezas incontaveis, eu suponho ter sido ele o criador do ditado que diz: *o silencio é de ouro...* Não sei se foi ele. Suponho apenas. O que sei, ao certo, é que Loyola o cultiva com um carinho incomparavel... Sim. Loyola cultiva o silencio. Não quero dizer que padre Loyola fale pouco. Ao contrario... (Não fôra a batina uma caricatura de saia...) Loyola fala sempre. Pelas tripas de Judas... O silencio que mestre Loyola cultiva é o silencio dos outros. E' o silencio dos alunos. Cultiva-o cuidadosamente. Imperiosamente...

Ora, notai. A não ser nas aulas, onde aliás só se abre a boca para responder ás perguntas dos professores, liberdade completa para se falar só se tem durante as horas restritas dos recreios. O resto do dia passa-se em silencio. Apenas aos domingos, ou feriados, ha licença para conversas durante as refeições. Nos dias comuns, a boia desce pela guela muda. Come-se, calado...

O silencio é de ouro... Ninguem fala. Ninguem. Mas todos escutam. Escutam a leitura dalgumas paginas cristãs... E' o caso que, durante as refeições, um dos alunos lê, em voz alta, do alto dum estrado, um romance religioso. Paginas edificantes de moralidade cristã... Entre outras, recorda-me a leitura da obra intitulada *Fabiola, ou as catacumbas de Roma*, dum abade inglez cujo nome esqueceu-me. O que me não esqueceu foi o nome dum dos melhores ledores do colegio. Este que é hoje o doutor Pio Benedicto Ottoni, o famoso excensor teatral tão celebrado pela imprensa carioca...

Mas o silencio mais longo verifica-se nas vesperas da primeira comunhão da turma do ano. São três dias de absoluto silencio... Três dias. Absoluto silencio. A primeira comunhão da turma realiza-se no dia 15 de agosto. Pois nos dias 12, 13 e 14 ninguem diz palavra. E' o que lá se chama *retiro*. Não se dão aulas nesses dias. Grande parte do tempo a gente passa a ler volumes de *Flos sanctorum* e congeneres. E' um espectaculo funebre, lugubre... Imaginai uma porção de rapazes de caras tristonhas a passearem, para lá e para cá, com um livro de martirios e torturas de todos os generos... Parece uma cambada de maniacos de santidade... Parece...? Ai! quantos, com efeito, saem daquela casa com um curso completo de santissimas loucuras!...

O silencio... o silencio é de ouro. De ouro de lei...

(CONTINUA).

Biblia vermelha

Todas as religiões teem como origem alegorias e lendas orientais. As mais novas de entre elas não passam de copias desnaturadas das mais antigas. Repousam todas sobre a historia dum pomo: por um pomo é que a humanidade foi sacrificada. Que bom Deus é esse que faz tanto caso dos pomos e tão pouco caso dos seus filhos? O pecado original não passa dum mito babilonico: parece uma fabula da chave dos sonhos. A maior parte dos cristãos, aliás, já não acreditam nisso.

Ex-padre Claraz.

AO POVO

Quando has-de tu deixar as vis doutrinas,
As vis superstições dos tempos velhos
E fazer catedrais das oficinas
& procurar na sciencia os evangelhos?!

Quando has-de tu surgir, calcando arminhos
Nos salões onde altivos do seu nada
Ri a mitra da c'rôa dos espinhos
E o sceptro inutil da prestante enxada!?

Quando has-de tu entrar na grande liça
E sacudindo o teu grilhão desfeito
Dizer ao padre: eu chamo-me a justiça,
Dizer ao rei: eu chamo-me o direito?

Suceda á farda a blusa, o ganho á esmola,
As armas do trabalho á carabina,
Onde estava a prisão surja uma escola
E um teatro onde estava a guilhotina.

Da liberdade atalaiando o asilo,
Sê majestoso e bom, sê grande e puro!
Toma nas rijas mãos, bravo e tranquilo,
A sagrada bandeira do futuro!

E' já longo o caminho do Calvario
Que trilhas sob a cruz ha tantos anos;
Desfaz, quebra, estilhaça o teu rosario,
Calca, assuberba, esmaga os teus tiranos!

Guilherme Braga.

A "Lanterna" transformada em diario

Fomos á ultima hora constrangidos a deixar para o proximo numero o que anunciámos para esta semana sobre a transformação da *Lanterna* em diario.

Prezado sr. Edgard:

Saudações.

Envio-lhe junto o meu coupon assinado com 2 acções. E' pouco, mas é, como se diz, de boa vontade, pois o meu desejo é ver — no menor praso possivel — a vossa santa ideia realizada; isto é, ver a luz da *Lanterna* diariamente penetrar no campo das trevas, onde muitas pobres «ovelhas» vão procurar o pão do espirito, mas onde são hipocritamente tosquiadas pelos seus «pastores», que mais bem lhes cabe o nome de lobos.

Avante!

Fortunato Guedes.

Ribeirão Bonito, 2—4—913.

***

Queira tomar nota de mais 10 acções nas mesmas condições da minha proposta anterior, porêm pertencentes a meu filho.

Oxalá veja em breve tempo transformado em diario o nosso combatente, pois cada vez se torna mais urgente essa realidade.

Pelotas, 11—3—913.

X. X.

***

Camarada Leuenroth:

Saude e força.

Junto vos remeto o coupon de compromisso para a publicação diaria da *Lanterna*. Na ocasião não posso tomar mais de uma, desculpem os meus bons amigos.

Do correligionario, *Inatá.*

Rio, 7—4—913.

***

Sr. Edgard Leuenroth:

Apraz-me enviar-lhe a minha adesão á sua belissima ideia, que é a de publicar a luminosa *Lanterna* diariamente.

Junto encontrará a subscrição de cinco acções, cuja importancia fica á sua disposição.

Manaus, 20—3—913.

Porfirio Pires.

***

Companheiro Edgard:

Faço votos para que a publicação diaria da *Lanterna* seja um facto no mais breve tempo possivel. Por ela farei tudo quanto puder.

Niteroi, 6—4—913.

Alcides José Soares.

***

Na *Epoca*, do Rio, na *Coluna Operaria*, redigida pelo velho militante de propaganda Mariano Garcia, encontramos a seguinte nota:

«A «Lanterna» — Este importante semanario, que se publica em S. Paulo, de propaganda anti-clericalista e do livre-pensamento, sob a competente direcção do nosso distinto camarada Edgard Leuenroth, em breve passará a ser diario, graças á boa vontade que tem encontrado essa ideia lançada por alguns dedicados lutadores, no seio de todos os livres-pensadores.

Nossos sinceros aplausos, mais uma vez, á *La terna*.»

VIDA OPERARIA

EM S. PAULO

União Grafica — Realiza uma assembleia geral da classe para tratar de assuntos de grande interesse para a classe á rua do Riachuelo, 43, ás 7 1/2 da noite do dia 15 do corrente, terça-feira.

Sindicato dos Pedreiros, Estucadores e Serventes — Este Sindicato, fundado ha pouco e que já conta com grande numero de socios, prosegue os seus trabalhos de reorganização da classe.

No dia 15 de corrente, ás 7 horas da noite, realizará uma assembleia extraordinaria para tratar de assuntos de grande interesse para a classe.

Comunica aos seus associados e á classe em geral que instalou a sua séde social á rua do Carmo, 38, onde será realizada a proxima assembleia.

Sindicato O. de Oficios Varios — Na proxima quinta-feira, 17 do corrente, realizará mais uma grande reunião de propaganda sindicalista, para a qual convida todo o operariado desta capital.

A reunião será efetuada no Salão Alhambra, á rua Marechal Deodoro, 2, pegado ao largo da Sé.

Participa aos seus associados que já instalou a sua séde á rua do Carmo, 38, a qual desde o dia 14 do corrente em diante estará aberta todas as noites, desde as 7 ás 9.

Festa de propaganda — Já está organizado o programa da bela velada de propaganda que o Sindicato Operario de Oficios Varios vai realizar no dia 24 do mez de maio vindouro e que é o seguinte:

1.º — *Primo Maggio*, bela peça social em 1 acto, de Pedro Gori;

2.º — *Francesco Ferrer*, peça social em um acto;

3.º — *Pecado de Simonia*, excelente comedia em 1 acto, de Neno Vasco;

4.º — Conferencia sobre o sindicalismo revolucionario;

6.º — Baile familiar e kermesse;

5.º — Intermedio de recitativos, canto, etc.

NO JAHU

Escola Operaria — Em assembleia realizada no dia 27 do mez passado, na séde do Centro Operario, ficou definitivamente resolvida a fundação da escola moderna diurna para os filhos dos socios e noturna para os associados.

Ao Centro Operario enviamos as nossas entusiasticas felicitações pela excelente iniciativa que acaba de pôr em pratica.

NO RIO

Confederação Operaria Brasileira — Em continuo progresso vai esta importante e utilissima agremiação do operariado brasileiro.

A sua comissão administrativa prosegue activamente nos trabalhos de propaganda e organização, sendo os seus esforços coroados de bom exito com o já consideravel numero de adesões que tem recebido de sociedades de varios Estados.

Para tratar com a urgencia e a regularidade necessarias dos trabalhos de preparação do 2.º Congresso Operario, que ainda este ano será realizado, foi nomeada uma comissão, cujos trabalhos já foram iniciados com a distribuição de uma circular dirigida a todas as sociedades operarias do Brasil. Publica-la-emos em um outro numero.

O endereço da C. O. B. é o seguinte: Caixa postal, 1427, Rio.

«A Voz do Trabalhador» — Esplendidos os dois ultimos numeros distribuidos e correspondentes ás duas quinzenas passadas.

E' um orgão de propaganda que merece ser lido por todos os trabalhalhadores, dos quais deve ter o mais completo apoio.

Caixa postal, 1427, Rio, é seu endereço.

EM PETROPOLIS

Greve de tecelões — De um amigo que se encontrava naquela cidade fluminense recebemos o seguinte recado:

«Como vocês já deverão saber, os operarios da Fabrica de Tecidos Cometa, num total superior a 300, entre mulheres, crianças e homens, estão em greve ha dias. Exigem aumento de 10 o/o sobre os seus salarios miserrimos.

A directoria, depois de burlar um acordo, ameaça os operarios, caso não voltem ao trabalho, de mandar buscar pessoal em outras cidades.

O pessoal está firme, tendo ao seu lado o Centro Operario 1.º de Maio, forte associação local. E' necessario avisar a classe dos tecelões daí para evitar a traição.»

EM BELO HORIZONTE

Está em franca actividade o movimento operario da capital mineira.

Um grupo de operarios partidarios da acção sindicalista, abandonando uma agremiação que lá existe com orientação politica, está trabalhando com decisão para desviar os trabalhadores desse caminho tortuoso e organiza-los nos sindicatos de resistencia alheios á politica partidaria, sempre malefica á causa dos oprimidos.

Apesar dos esforços que está empregando para desprestigiar essa excelente obra um antigo militante do socialismo politico, que se encontra á testa da agremiação já citada, o o Centro Operario Sindicalista, que é como se chama a nova associação, está encontrando apoio entusiastico no meio dos trabalhadores daquela capital.

A subscrição aberta para cobrir as despesas dos trabalhos em anda mento já contém uma regular quantia.

As duas primeiras reuniões do Centro foram muito numerosas, mormente a segunda, cuja concorrencia deixou a séde repleta.

Esta foi uma bela assembleia de propaganda, na qual falaram diversos oradores entre os quais o companheiro João Barbosa, moço de bastante actividade.

Ficou nessa ocasião fundado, com regular numero de socios, o Sindicato dos Pedreiros, devendo dentro em breve ser organizados outros.

— O 1.º de maio vai ser coddignamente comemorado, devendo um delegado da Confederação Operaria Brasileira ir até lá tomar parte nas manifestações que se projectam.

— Foi solucionado o movimento dos operarios da Empreza Democrata, que conseguiram firmar o horario de 8 horas.

— A policia é que não está muito socegada com essa actividade, mantendo sempre alguns guardas á porta da séde do Centro.

Que coisa estupida!

A lei de arrocho

Como certos jornalistas mercenarios andam a apregoar que os expulsos pelo governo de S. Paulo eram todos recemchegados ao Brazil e individuos de fraca conduta, damos abaixo a relação dos seus nomes, com a indicação do tempo de sua permanencia aqui.

Eram todos trabalhadores e homens de conduta inatacavel.

Arrolhem-se, pois, as prostitutas de calça da imprensa.

Eis a relação:

Primitivo Raimundo Soares, brazileiro; Antonio Filgueiras Vieytes, espanhol, com 2 filhos brazileiros, residia no Brazil ha 4 anos; Manoel Gonçalves, espanhol, com 3 filhos brazileiros, residia no Brazil ha 22 anos; Albino Cairo, portuguez, residia no Brazil ha 25 anos; José Vasques, portuguez, residia no Brazil ha 3 anos; Miguel Garrido, espanhol, residia no Brazil ha 14 anos; Primitivo Lopes, espanhol, residia no Brazil ha 18 anos; José Vidal Iglesias, espanhol, residia no Brazil ha bastante tempo; Francisco Rojas, espanhol, residia no Brazil ha bastante tempo; José Campos Carneiro, espanhol, com 2 filhos brazileiros, residia no Brazil ha 17 anos; Gaspar Pereira Franco, portuguez, residia no Brazil ha 24 anos; Bernabé Gomes, espanhol, residia no Brazil ha 20 anos, com 2 filhos brazileiros; Bernabé Alves, espanhol, com 1 filho brazileiro, residia no Brazil ha 14 anos; Agustinho Vaz, portuguez, residia no Brazil ha 5 anos; Manoel Seixas, proprietario de carros, residia no Brazil ha 20 anos, com 2 filhos brazileiros e casado com mulher brazileira; José Pereira Franco, portuguez, residia no Brazil ha 22 anos.

***

A Liga Operaria de Amparo lançou um energico protesto contra a infame lei scelerada com que os senhores deste feito nos querem arrochar. Já subscreveram esse protesto as seguintes pessoas:

Constante Baroni, Giovanni Giordano, José Mascolongo, Vicente Lazzer, Emilio Lombello, Pedro Fortunato, Panfilio Rossi, Herminio Salerno, Abilio Baptista, Jayme Pucci, Domingos Slompato, José Acordi, Alberto Henrique da Silva, Manoel Monteiro Mendes, Tinelli Paulo, Gumercindo de Oliveira, Paulo de Araujo, Hygino Rossi, Thomaz Augusto das Neves, Antonio dos Reis, Antonio Serrado, Antonio Henrique da Silva, Mouzeis dos Santos, João Leite, João Simão Subtil, Micai Guilherme, Micai Victorino, Jacob Ferretti, Ataliba de Camargo, Francisco Ferreira Netto, Albino de Mattos, Corincto Fontana, Antonio Macedo, Albino de Mattos Oliveira, Antonio Gonçalves Oliveira, Faustino Rapanelli, Amaro de Paula Souza, Luiz Fontana, Manoel Clemente de Camargo, Francisco Cardoso, Humberto Ricci, José Pedro dos Santos e Alfredo da Silveira Pinto.

S. S. G.

UMA PARODIA

AO SR. P. L. E.

Convencido de que não ha nada melhor do que "virar o feitiço contra o feiticeiro", como diz o vulgo, resolvi parodiar, sr. P. L. E., o seu estupefaciente soneto publicado no semanario clerical "Ave-Maria".

Como não tenho pretenções a poeta, peço-lhe levar em conta alguma falta.

Vamos aos versos:

O FRADE

Caminha entre os graúdos. Da gentalha
Se ri, tomado de asco, arrenegando;
Suberbo, vive entanto surripiando
Da panela do pobre uma migalha.

Com manhas de ladrão, vai o canalha
As mentiras e os vícios espalhando.
Quanto pus, quanto lodo está manchando
A veste em que seu corpo se amortalha!

E' um cobarde, um vil, uma serpente
Presa do mal na magica corrente,
Este homem de burel e de sacola.

Para odiar seus feitos, que são mil,
Lembre-se o grande povo do Brazil
Que ele é filho de Borgia e de Loyola!

Ganganeli 53.

ADOLFO ANTA

Que é feito deste operario, que a policia de Santos prendeu vai para tres mezes quando ele foi á delegacia daquela cidade levar a comunicação de um comicio que ia ser realizado, transportondo-o depois para a Detenção do Rio?

Adolfo Anta ainda se encontra preso no Rio ou já foi deportado?

A lei determina que não se pode ter ninguem preso sem culpa formada e Adolfo Anta ha tres mezes que se encontra nas garras da policia.

E venham depois os jornalistas vendidos ás grandes emprezas berrar que a campanha no exterior é injusta, pois não se baseia em factos comprovados!

Que é feito de Adolfo Anta, ó senhores desta democratissima republica?

NO RIO

FESTA DE PROPAGANDA SOCIAL

O Grupo Dramatico Anticlerical, novel e proveitosa agremiação fundada por um nucleo de activos socios da Liga Anticlerical, organizou uma magnifica festa de propaganda, que se realizará no dia 30 do corrente, no Teatro Centro Galego.

E' o seguinte o seu bem compilado programa:

1.ª PARTE — *Primeiro de Maio*, drama social em 1 acto, de Pedro Gori;

2.ª PAREE — Conferencia pelo camarada dr. José Oiticica, que dissertará sobre o tema — *O trabalho livre*;

3.ª PARTE — *Amanhã!* peça social em um acto de Manuel Laranjeira;

4.ª PARTE — Baile familiar.

Os cartões de ingresso para esta bela velada encontram-se na séde da Liga Anticlerical, rua Marechal Floriano Peixoto, 118.

Secção amena

Quando o marechal de la Ferté entrou em Metz, foram cumprimenta-lo os judeus, como todos os outros habitantes. Ao saber que estavam na antecamara, o marechal exclamou:

— Esses mariolas, não os quero ver; foram eles que mataram Nosso Senhor. Não lhes deis entrada.

Foram dizer aos judeus que o sr. marechal não estava visivel, e os judeus responderam que sentiam muito, mesmo muito, pois traziam, um presente de quatro mil pistolas. (A pistola, moeda de oiro, tinha o valor de 10 francos). Comunicaram-no logo ao marechal, que disse:

— Mandai-os entrar, coitados; eles não conheciam Nosso Senhor, quando o crucificaram.

Velada de propaganda

No dia 30 do corrente, será realizada, no Salão Celso Garcia, uma boa festa de propaganda promovida pelo Germinal!

Dela publicaremos o programa no proximo numero.

"A Lanterna em Sete Lagoas"

(MINAS)

E' doloroso e confrange o coração das almas emancipadas o verificar-se o estado de degradação moral de cretinice a que chegam certos individuos. E infelizmente encontramo-los por toda a parte, sujando, empestando o nosso caminho com as suas patas e a sua baba venenosa, stroando os ares com o estentório ornejar. A's vezes causam náuseas, ás vezes causam dó.

Foi um misto de nojo e de comiseração o sentimento que de nós se apossou ao lermos uma moxinifada com pretenções a artigo que apareceu no n. de 5 de março dum mal-ajambrado jornaleco de Belo Horizonte.

Se não conhecessemos de perto o tipo que o subscritou, num rasgo heroico de irresponsabilidade, oferecendo corajosamente ás lanças adversarias a férrea testa, em defesa da sua bela dama, o catita conego Sansoni; se não o conhecessemos de perto, talvez fosse outra a nossa emoção. Conhecemo-lo porém, infelizmente, e por esta razão a nossa pena se recusa, tomada de desprezo, a enfrenta-lo. Não se rebaixará á indignidade de terçar armas com quem desconhece as mais comezinhas noções de honra, com quem está acostumado a bater-se somente com os caceteiros nas vielas escusas e com as linguarudas marafonas nas tabernas de má-fama.

Se bem não venhamos dar uma resposta ao signatario do artigalhete do indecente jornal belo-horizontino, pois que nem signatario nem jornal merecem a consideração publica, tão afastados se acham um e outro do bom conceito da parte sadia da sociedade; se bem não venhamos engalfinhar-nos com tal especie de adversarios, samos forçados a aqui dizer alguma coisa, em defesa da correspondencia publicada no n. 179 da *Lanterna* (cujos intuitos foram deturpados perfidamente, pelo artigalhete do tipo em questão) e em atenção ás pessoas que os leram e que de nós solicitaram uma refutação.

Aguarde pois o beaterio de Sete Lagoas, com o seu descarado testa de ferro, o nosso proximo artigo.

X. X.



EM GUAXUPÉ

UMA CARTA A PROPOSITO DO CASO FRAISSAT

Publicámos, num de nossos passados ns., um artigo do sr. Crescencio Carola, sobre a ingerencia do jornal "O Guaxupé" no caso do padre Pinto Fraissat, que temos ventilado nestas colunas.

Agora, recebemos dum nosso amigo de Guaxupé a carta publicada abaixo, pela qual verificamos que o nosso colaborador laborava num mal-entendido quando fez alegações ao "Guaxupé". E' com satisfação pois que desfazemos o engano, pela certeza de não haver o jornal aludido tomado a defesa duma tão má causa como a do padre Fraissat. E esperamos que o sr. Crescencio Carola, bem considerando, não levará a mal as nossas palavras, antes regozijará tambem comnosco.

E' esta a carta:

Sr. director da *Lanterna*:

Saiu publicado no ultimo n. do seu jornal um artigo do sr. Crescencio Carola, que merece os meus reparos.

O sr. Crescencio Carola poz-se ás voltas com *O Guaxupé*, mas como é facil de verificar, s. s. saiu-se mal. Foi injusto quando não devia sê-lo. Não devia, porque *O Guaxupé*, perante esta questão do padre Pinto Fraissat, tem se conservado numa posição de certa imparcialidade.

E' verdade que deu publicidade a uma representação dirigida ao bispo da diocese, mas tambem é verdade que esta representação não foi obra sua. E' um documento assinado por grande numero de pessoas de Guaxupé. E, publicando-o, talvez a pedido, o citado jornal não merece, no meu fraco modo de entender, as censuras do sr. Crescencio Carola.

S. s. e eu havemos de ler com vagar, mesmo com muita atenção, *O Guaxupé*, e, depois desta leitura, estou certo que, se não fôr teimoso, ha-de concordar comigo.

O sr. Crescencio Carola disse, se não me falha a memoria, que *O Guaxupé engrossou* o padre e tratou de inocenta-lo, afirmando que o pai da vítima confessara a inocencia do "caixa dagua".

Ora, todos nós que lemos *O Guaxupé* — e que o lemos com olhos de ver — sabemos que isto não é verdade. Sim, porque se o padre foi *engrossado*, se se tratou de inocenta-lo, se houve afirmações ousadas, não foi *O Guaxupé* que tal fez. Foram os signatarios da representação dirigida ao bispo.

Donde se conclui, pois, que o sr. Crescencio Carola, entusiasmando-se ao escrever o seu artigo, excedeu-se, e foi muito infeliz, tratando *O Guaxupé* de maneira tão insolita.

Espero que s. s. não veja, pelas minhas palavras, outro intento da minha parte, senão o de restabelecer a verdade.

Sou, sr. director da *Lanterna*, com a maxima consideração e apreço, etc.

Narciso de Almeida Santos.

Guaxupé, 1 — 4 — 1913.

Pequenos écos

Pessoa procurada — Maria Abranches, de Malaga, Espanha, deseja saber do paradeiro de seu filho Alfredo Sanches que para aqui veiu em agosto do ano passado, tendo residido na Vila Maria José, 3.

Quem puder fornecer qualquer informação a respeito fará o favor de nos escrever.

Subscrição pró-familia Gaeta — A comissão organizadora da subscrição em favor da familia do operario Gaeta, pede ás pessoas que ainda não devolveram as suas listas, o favor de o fazerem imediatamente, pois precisa publicar o seu balancete.

Entre as listas ainda não devolvidas estão as remetidas para S. José do Rio Preto, Tatuí e Mocóca.

Pequerrucho — O nosso amigo José Séles e sua senhora d. Leontina Moreira Séles participaram o nascimento do seu primogenito, ao qual deram o nome de José.

Felicitamos o nosso caro Séles, desejando ao seu pequerrucho um futuro pleno de felicidades e livre de todos os preconceitos sociais que escravizam a humanidade ao tirano regime vigente.

Votos de felicidade — Na nossa pasta encontrámos ainda varios cartões de amigos e companheiros que nos enviam as felicitações e protestos de solidariedade na luta em que estamos empenhados.

A todos deixamos aqui o nosso agradecimento, afirmando o firme proposito que nos anima de, com o auxilio de todos os bons companheiros, marchar sempre para a frente, dando combate sem treguas a todas as forças reaccionarias.

NUCLEOS DA VANGUARDA

EM PERNAMBUCO

Liga Anticlerical — Em Recife reuniram-se varios moços partidarios dos modernos ideais inovadores e sem receiarem o anátema ou a excomunhão, pseudas armas poderosas contra os ignorantes, resolveram fundar uma agremiação anticlerical.

A sua primeira directoria ficou assim constituida:

Presidente, Samuel Gomes da Silva; vice, Carlos Passos; 1º. secretario, Dario Souto; 2º., Luiz Larouccrie; oradores, Tomaz Vila Nova e Elpidio Brasil; tesoureiro, Antonio Sales.

A Liga Anticlerical de Recife iniciará em breve a publicação de um periodico de propaganda.

E' o seguinte o seu endereço: Rua da Hospital Pedro II, 1, Recife, Pernambuco.

EM CUIABÁ

Liga Mato-Grossense do Livre Pensamento — Recebemos a seguinte carta, que gostosamente transmitimos aos nossos leitores:

«Amigos e confrades:

Tenho a honra de comunicar-vos que assumi, a 12 do corrente, em sessão de assembleia geral, o cargo de presidente desta Liga, para o qual fui eleito a 15 de dezembro ultimo, afim de administral-a durante o corrente ano de 1913.

São meus dignos companheiros de directoria os srs. Gustavo Fernando Kuhlmann, vice-presidente; Isác Póvoas, 1.º secretario; Arthur Portella Moreira, 2.º secretario e José Rodrigues Palma Junior, tesoureiro.

Valho-me deste envejo para sinificar-vos a minha inteira solidariedade na propaganda em pról da emancipação da consciencia humana e contra o obscurantismo em suas multiplas fórmas.

Com elevado apreço e consideração, *Octavio Pitaluga*, presidente.»

Aos denodados batalhadores de Cuiabá, que com tanta galhardia estão dando batalha aos embusteiros e alimentadores da ignorancia alheia que naquele longinquo Estado estabeleceram a sua tenda da exploração, enviamos as nossas felicitações calorosas, desejando-lhes sempre maiores proveitos em favor da grande causa comum.

EM SETE LAGOAS

Liga do Livre Pensamento — Por iniciativa de um nucleo de entusiasticos partidarios da nossa propaganda, vai ser fundada nesta cidade mineira uma agremiação dos livre-pensadores.

Muito bem!

EM SANTOS

Liga do Livre Pensamento — Sabemos que alguns companheiros de lutas pretendem reerguer esta Liga, para assim conseguir-se a união dos elementos agora dispersos.

Oxalá possamos muito breve noticiar como um facto consumado a bela ideia dos companheiros santistas.

Azeite para a "Lanterna"

BALANCETE GERAL DOS NS. 177 A 185

ENTRADAS

Assinaturas	2:156$300
Venda avulsa na capital e fóra	255$000
Anuncio	17$000
Subscrição voluntaria	51$100
Biblioteca	92$200
Saldo anterior	11$973
	2:583$573

SAIDAS

Impressão	736$000
Composição	533$200
Aluguel (janeiro)	60$000
Luz (janeiro)	7$300
Clichés	45$500
Selos	109$490
Carretos	40$500
Aos fornecedores da biblioteca	96$600
Despesas postais	14$500
Redactor auxiliar	40$400
Dobragem	3$300
Correspondente	193$500
Jornais	2$300
Admistração	245$000
Estampilhas	2$300
Aos cobrados dos Estados	24$630
Despesas de viagem na Araraquarense, Bragantina e Santos	266$000
Imposto municipal	30$000
Barbante e goma	4$000
Cadernos para apontamentos	2$500
Viajante	182$500
Auxilios	2$000
Lavagens	4$000
Penas e lapis	1$300
Despachos	3$900
Bonde em S. Paulo e fóra	10$500
Varias miudesas	1$200
	2:662$420

CONFRONTO

Saidas	2:662$420
Entradas	2:583$573
Deficit	78$847

Subscrição voluntaria:

São os seguintes os bons amigos que contribuiram para a subscrição em favor do nosso azeite:

Um amigo da propaganda, Jardinopolis, 40$; sr. Pedro Baroni, Rio, 1$; J. S. Corrêa, C. N. do Paranapanema, 10$; Anonimo, 100 réis, Total, 51$000.

CATECISMO ATEU

Com o intuito de desenvolver a nossa obra, o Grupo de Educação Social mandou vir de Portugal o resto da edição deste esplendido folheto que, pela simplicidade de sua linguagem e a solidez da sua argumentação, é muito apropriado para a propaganda no seio do povo, entregue aos preconceitos embrutecedores da religião.

Está á venda nas seguintes condições:

Pelo correio:

100	12$000
50	6$500
25	3$500
1	$200

Na redacção:

100	10$500
50	5$500
25	3$000
1	$200

A todas as sociedades, grupos e companheiros que se dedicam á propaganda emancipadora recomendamos o Catecismo Ateu, *que será substituido por outro folheto, logo que tenha sido esgotada a sua edição.*

Bilhetes e recados

Rio — O. V.: Não tem de que agradecer. Aqui estamos para quando novamente se resolver. Saudações.

Niteroi — J. M.: Devem reclamar do carteiro e da agencia, pois ela é expedida com a maxima pontualidade. Modificámos os endereços. Foram os ns. indicados. Está sendo reproduzido por varios jornais. E merece, pois é realmente magnifico. Saudações.

Ribeirão Preto — J. S.: Foram o folheto e o n. pedido. Saudações.

Florianopolis — C. E.: Seguiu o n. pedido. Saudações.

Conceição de Mato Grosso — A. J.: Registámos o novo endereço. A pessoa ainda não veiu. Ficou de conseguir tudo que lá deixaste. Seguiram carta e jornais. Saudações de todos.

Guaratinguetá — I. R.: Seguiu o folheto pedido. O primeiro foi imediatamente remetido. Saudações.

Rio Parnahyba — L. G. de A.: Foi satisfeito o seu pedido de folhetos. Saudações.

Rio — M. E.: Modificámos o endereço. Recebido o artigo. Saudações.

Rio — A. E.: Remetemos-lhe o n. de *La G. S.* Saudações.

Limeira — E. F.: Recebemos os 10$ para satisfação do compromisso. Seguiu o recibo da assinatura paga. Saudações.

Rio Grande — Amigo dedicado: Recebida a sua de 30. Já o temos entre nós. Esperamos que sejam os seus esforços bem correspondidos. Saudações.

Serra Negra — H. G.: Vamos procurar o retrato, que não temos aqui. Saudações.

Passo Fundo — A. de A. L.: Seguiram os 100 exemplares do *Catecismo Ateu*. Saudações aos companheiros do Centro.

Terezina — Dr. B. S.: Remetemos-lhe os postais. Saudações.

Brodowsky — Q. T.: Boa a nota, que aproveitaremos. Saudações.

Barretos — O. B.: Vamos procurar uma pessoa que se encarregue da distribuição e só então poderemos informa-lo das despesas a fazer. Satisfaz-nos essa disposição para a luta. Escreveremos sobre uma proposta de amigos. Saudações.

Barbacena — J. V.: Recebemos o vale. Escreveremos. Saudações.

Rio — Adrecal: Escreveremos sobre a tua consulta. De acordo quanto ao pagamento do pacote. Saudações.

Nicteroi — A. J. S.: O jornal tem ido para A. C. Modificámos o endereço. Recebemos os 6$ para o pacote, que será remetido para o endereço indicado. Um bravo! pela actividade. Saudações.

Sete Lagoas — P. T.: Recebida a importancia da assinatura. Recebeu um pacoto que remetemos? Excelente a ideia da liga. No proximo numero publicaremos um esquema de estatutos, que vos poderá servir de base. Este n já será remetido para o novo batalhador. Saudações.

Jaguarão — G.: Receberá pelo proximo correio os recibos e as listas. E' realmente uma situação desnorteadora, mas lembremo-nos de que nem mesmo a mais dura rocha resiste ao esforço pertinaz. Com energia e pereverança havemos de vencer em toda parte. Saudações aos companheiros.

FOLHETIM DA LANTERNA (41)

MIGUEL ZEVACO

CAVALEIRO DE LA BARRE

Grande romance histórico

ESPECIALMENTE TRADUZIDO PARA A LANTERNA)

SEGUNDA PARTE

Flor de Maio

XVIII

CONVENTO DAS CARMELITAS

de entrada. Cabeça de Ferro foi incumbido de guardar a porta, de pistola em punho. Salverio e o Cavaleiro entraram primeiro no edificio, depois de atravessado o pateo, teguidos a pequena distancia pelos srês restantes. No primeiro andar Oncontraram uma freira, que ia fugir, aterrada, quando Salverio, agarrando-a por um braço, lhe disse com doçura:

— Nem um grito! Conduzi-nos nem demora aos aposentos da superiora!

A freira, tremula, começou e andar, mastigando orações. Por fima parou diante duma porta, dizendo,

— E' aqui.

Salverio abriu logo a porta entrando subitamente, seguido por João, em quanto os outros três esperavam no corredor.

Ana de Beuvre, de costas para porta, escrevia ao arcipreste, comunicando-lhe os sucessos de manhã Ouvindo abrir-se a porta, exclamou

— Que é isso? Quem esta lieuse

Não concluiu. sodA voltava veo Salverio e o Cavaleiro e com ten co e muda de pasmo. Mas, senhores! orajosa, dominou-se e, firio,a e: um sorriso, disse: ascintvr.)- :

— Sêde bem-vindos,

Vindes por certo pedir-me novas da nossa pobre sóror Santa Madalena. Infelizmente, ainda não voltou.

— Senhora, disse Salverio com glacial cortesia, vimos pedir-nos novas duma jovem raptada com astucia e violencia e aqui sequestrada contra o direito e a justiça e contra os principios da religião que dizeis professar.

— Uma jovem!... Senhores... não vos entendo... De que jovem falais?... Aqui só ha pobres e santas mulheres consagradas ao culto do Senhor.

— Senhora, replicou Salverio, admirando a habilidade da superiora; é inutil que representeis uma comedia. Sei que sequestrais minha filha e venho busca-la. E basta!

— Vossa filha?!

— Minha noiva! disse João.

— Vossa noiva! Senhores... senhores... só uma estranha aberração...

— Basta! interrompeu Salverio. Reconheceis isto?

E mostrou á superiora atonita o papel que ela tão dificilmente arrancara a Flor de Maio. A superiora baixou a cabeça.

— Restitui-nos Flor de Maio, disse João, e eu vos perdoarei o modo como haveis obtido sem duvida a acusação dela contra mim...

— Quem sois vós, senhor? perguntou a superiora, procurando ganhar tempo.

— Sou o Cavaleiro de La Barre. Já vêdes que devo levar comigo a sequestrada.

Impacientado, João avançou para a religiosa com um gesto de ameaça.

— Quereis bater numa mulher? disse Ana de Beuvre com altivez. Concordaria com o que me disseram de vós.

— Vós não sois uma mulher! disse La Barre. Vós e vossos semelhantes sois monstros! Vamos, acabemos: onde está Flor de Maio?

— Procurai! respondeu a superiora, cruzando os braços.

Salverio deteve João, que lançara um rugido exasperado, e disse friamente:

— Assim pois, senhora, recusais devolver-nos minha filha?

— Recuso! Incendiai o convento, se quereis!...

Salverio empunhou e aperrou uma pistola, apontando-a ao peito da superiora e dizendo com uma suavidade fria:

— Dentro de dois minutos, soarão doze horas naquele relogio... Se ao primeiro toque, não vos tiverdes decidido, mato-vos...

A superiora fez uma tentativa desesperada. Fixou Salverio nos olhos e disse:

— Seja! matai-me! Será mais uma mártir para a Igreja!...

— Resta-vos um minuto, disse friamente Salverio.

— Ah! exclamou ela. Sois então implacaveis, bandidos sem coração...

— Faltam apenas trinta segundos, disse Salverio.

Quando se ouviu o ligeiro ruido que precede o bater da hora, Salverio encostou o cano da pistola na fronte da superiora e esta murmurou quasi ao mesmo tempo.

— Piedade! Rendo-me...

E desatou a soluçar, pensando nas suas ambições destruidas. Deu meio-dia.

— Depressa! ordenou Salverio, sem guardar a pistola.

A superiora saiu, seguida pelos dois. No corredor encontraram os outros três, dois dos quais, de Maillefeu e d'Etallondes, a superiora reconheceu e apontou no seu espirito. Por fim, parou diante duma cela, dizendo a Salverio:

— E' esta a chave; abri vós mesmo. Posso retirar-me?

— Não, senhora... Senhores, vigiai a senhora superiora, que não deve retirar-se daqui nem chamar..

Abriu a porta a tremer. João precipitou-se e chamou:

— Margarida!...

— João! Meu querido João! respondeu uma voz dilacerante, num grito.

Os dois jovens cairam nos braços um do outro, beijando-se, chorando, olheados de tudo. Mas João lembrou-se de repente, e tomando Flor de Maio pela mão, voltou-se para Salverio. Este, porêm, percebendo a intenção do Cavaleiro deteve-o com um gesto, murmurando:

— Mais tarde...

— Reconheço-vos, senhor, disse-lhe Flor de Maio. Sois aquele que me salvou quando eu ia ser atropelada pelo cavalo do conde de Belleval.

E estendeu-lhe a fronte, na qual Salverio depôs um prolongado beijo paternal, dizendo:

— Minha filha, tenho muito prazer em tornar a ver-vos.

O olhar exercitado do sabio descobrira na filha a febre vizinha da loucura. As penas, a debilidade, as torturas, as comoções tinham posto em perigo a razão da pobre moça; e por isso Salverio, dominando-se heroicamente, ocultou a sua paternidade. Apenas segredou a João:

— Tem cuidado... Vela por ela...

— Fujamos! disse Flor de Maio, apertando nervosamente as mãos. Leva-me, João, depressa...

Falava com voz estranha e ia agarrar-se ao pescoço de João, que a susteve. De repente, caiu com uma violenta crise.

— Oh! soluçou João. Vou perdê-la! Salva-a... meu pai... salva minha noiva... tua filha... que vai morrer!

Salverio depôs a jovem sobre a cama, pedindo agua e vinagre, com um desesperado esforço para se conservar sereno. Ao cabo de uma hora de luta, Flor de Maio abriu os olhos e Salverio disse unicamente:

— Está livre de perigo. Cavaleiro, podeis abraçar vossa noiva.

Flor de Maio, agarrando-se ás mãos de João, murmurou, sorrindo:

— Não me deixes...

— Nunca mais nos separaremos, querido anjo!

— Isso é certo?

— Juro-te!

Salverio, que se acercara da superiora, disse-lhe de modo que só ela ouvisse:

— Credes certamente em Deus, senhora...

— Creio, respondeu ela com altivez.

— Pois então podeis agradecer-lhe, porque, se minha filha tivesse sucumbido, por minhas mãos vos teria eu esmagado como se esmaga um bicho venenoso...

Ana de Beuvre estremeceu.

— Saiamos, disse Salverio em voz alta. Cavaleiro, amparai vossa noiva, que me parece um pouco debil.

João ergueu nos braços a jovem, que encostou a cabeça no ombro do noivo. De repente, levantou-a de novo para dizer.

— Oh! que ingrata eu sou! Esquecia-me de sóror Santa Madalena, que foi encerrada no horrivel *in-pace*...

Salverio, que compreendeu com horror, por estas palavras da filha, que esta tambem fôra vítima do *in-pace*, disse algumas palavras ao ouvido de João, que saiu com a noiva ao colo, seguido por Estocada e d'Etallondes. De Maillefeu foi retido por Salverio, que disse á superiora:

— Mostrai-nos o vosso *in-pace*, senhora.

— Isso não é convosco, senhor: é um caso de disciplina monastica.

— Basta de farsa, disse de Maillefeu, agarrando a superiora por um braço. Andai depressa!

— Julgava-vos cavalheiroso, mas vejo que me enganei. Não me admira isso, em vista da sociedade que frequentais, sr. marquez de Maillefeu...

— Ah! ah! reconheceis-me? Tanto melhor, por minha fé! Antes o odio vosso e o dos vossos do que a desonra da vossa benevolencia. Mas... andai depressa!

A superiora obedeceu e em breve estavam todos diante do sinistro calaboiço, que foi aberto aparecendo então sóror Santa Madalena.

— Senhor, disse ela, ao reconhecer com dissimulada surpresa Salverio e vindo ao seu encontro, compreendereis por que não pude ir esta manhã ao lugar marcado, perto de cabana de Germano.

A superiora apressou-se a tomar a palavra:

— Estes senhores desejaram ver-vos, irmã. Consenti apesar da regra e dou por findo o vosso castigo... Podeis voltar á cela...

— Para tornar para aqui quando voltemos costas! exclamou de Maillefeu.

Salverio dirigiu-se á religiosa:

— Podeis, não só voltar á cela, mas sair do convento. Dizei sem receio se quereis acompanhar-nos ou ficar aqui.

— Desejo acompanhar-vos e deixar para sempre esta prisão! disse a freira com voz firme.

— Desgraçada! E os votos? gritou a superiora.

— Pronunciei-os quando nada sabia de mim mesma e da vida. Recupero a minha liberdade...

— Pensai nas penas eternas...

— Penso no que me diz a consciencia: no horror da hipocrisia em que vivi.

(Continúa).